

ISSN 2447-4177



ARQUIVO EM CARTAZ 2020
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Memórias do tempo presente

registros da pandemia



**Memórias do
tempo presente**
registros da pandemia

Copyright © 2020 Arquivo Nacional
Praça da República, 173
20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefones: (55 21) 2179-1253



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons – Atribuição CCBY 4.0,
sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que
mencionada a fonte.

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Justiça e Segurança Pública
André Luiz de Almeida Mendonça
Diretora-geral do Arquivo Nacional
Neide Alves Dias De Sordi



Coordenadora-geral de Acesso e Difusão Documental
Luana Farias Sales Marques

Coordenador-geral de Administração
Leandro Esteves de Freitas

Coordenadora-geral de Gestão de Documentos
Mariana Barros Meirelles

Coordenadora-geral de Processamento e Preservação do Acervo
Aluf Alba Elias

Coordenadora-geral regional no Distrito Federal
Larissa Candida Costa

Coordenador de Documentos Audiovisuais e Cartográficos
Antonio Laurindo

Coordenadora de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo
Leticia dos Santos Grativol

Coordenador de Preservação do Acervo
Tiago César da Silva

Realização
Arquivo Nacional

GRUPO DE TRABALHO ARQUIVO EM CARTAZ

Coordenação-executiva
Antonio Laurindo
Sylvana Cotrim Lobo

Curadoria
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

REVISTA ARQUIVO EM CARTAZ

Edição
Antonio Laurindo
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

Preparação de originais e revisão
José Claudio Mattar
Mariana Simões

Pesquisa de imagens
Antonio Laurindo
Januária Teive de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação
Alzira Reis

Arte da capa
Simone Kimura

Imagem da capa: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_06158_026

novembro | 2020



ARQUIVO EM CARTAZ 2020

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Apresentação	5
Antonio Laurindo Cadu Marconi Januária Teive	
Breve relato de dias de pandemia	9
Marcus Vinicius Pereira Alves	
A experiência da escassez no audiovisual feito na e pela periferia	16
Wilq Vicente	
Do alto de uma janela um tecido preto se balança pelos ares: mulheres e Covid-19 no Brasil	29
Melissa de Oliveira Pereira	
Uma visão da (in)justiça: arquivos de Harvard produzem um fruto estranho	40
Jarret M. Drake	
A canção no tempo pandêmico	45
Rafael José Azevedo	
Museu de um mundo estilizado: cartografia de um tempo pandêmico	57
Monica Klemz	
Sobre a pesquisa de imagens em produções culturais: um breve relato	68
Priscila Serejo	
De relatos a coleção: testemunhos do isolamento	78
Beatriz Kushnir	
Acervo, pandemia e televisão: relato de experiência na TV Globo	88
Ester Eiko Duarte Kimura	

**FECHADO
POR FALTA DE
GARANTIAS.**



Apresentação

Antonio Laurindo
Cadu Marconi
Januária Teive
Editores

Em março deste ano, havia aqueles que iriam a um show na sexta com os amigos, mas a apresentação foi cancelada. Era aniversário de alguém no sábado, um churrasco. Adiado indefinidamente. Também foi assim com a ida ao estádio para ver o clássico regional. Aquele filme que estrearia nos cinemas – para o qual os amigos tinham combinado de ir – não estreou, pois sala de cinema lotada virou a definição do perigo distópico. E a palavra de ordem mais sensata, contramão das orientações de praxe dos movimentos sociais, era “fique em casa”.

Esse passou a ser nosso dia a dia, assolado por um vírus desconhecido, o Sars-CoV-2, que chegava não só ao Brasil, mas a todo o continente latino-americano, depois de ceifar vidas na Europa e na Ásia. Das nossas vivências cotidianas – o show, a boate, a festa com amigos, o cinema, o futebol – muitas se tornaram perigosas, pelo medo da contaminação. Se, pelo lado individual, o lado do espectador, do consumo, essas pequenas alegrias se tornaram inviáveis, há o lado de quem produz, toca, filma, joga, enfim, trabalha. Cadeias de produção no campo da cultura, da arte, da memória tiveram que se reinventar, ou mesmo paralisar suas atividades.

Quando se fala em trabalho, há quem não pôde ficar em casa. Profissionais da saúde, do essencial Sistema Único de Saúde, o SUS, entregadores, trabalhadores de farmácias e supermercados tiveram que se expor aos riscos em nome da vida coletiva. Com os transportes drasticamente reduzidos, houve dias em que as ruas da cidade, ou pelo menos aquelas do centro político e comercial, estavam desertas: silenciosas, vazias, cenário dos piores filmes de apocalipse zumbi. Com uma diferença: o filme acaba em aproximadamente duas horas. As consequências de uma pandemia, nos traumas e na economia, terão ainda bastante sobrevida.

Diante deste ano tão confuso, tentamos constantemente sistematizar o mundo em nossas cabeças e dar vazão à vontade de debater, de ver, de sentir. É nesse sentido que organizamos o Festival Arquivo em Cartaz, pela primeira vez em formato online, mas mantendo suas diversas iniciativas: Mostra Competitiva, Oficina Lanterna Mágica, Arquivo Faz Escola, Arquivos do Amanhã, oficinas técnicas, mesas de debates. Todas realizadas através das telas.



A revista Arquivo em Cartaz 2020 também volta seus esforços, em sua sexta edição, para entender o impacto da pandemia em nossos registros, produções, imagens e trabalho com arquivos. Pôr em ordem, tentar compreender, é tarefa coletiva de nossas instituições públicas e privadas ligadas à pesquisa e à memória. É, portanto, um funcionário do Arquivo Nacional que dá o pontapé inicial à nossa revista neste ano: Marcus Vinicius, servidor da equipe de Processamento Técnico de Documentos Audiovisuais, Sonoros e Musicais, escreve um relato pessoal e corajoso sobre a rotina do trabalho em casa, misturando labuta e afeto, dificuldades e resultados.

O artigo seguinte, de Wilq Vicente, faz um apanhado da produção audiovisual recente sobre o universo da periferia brasileira. Parte de uma arqueologia das abordagens negras e suburbanas para fazer um levantamento contemporâneo do que tem sido realizado na cinematografia brasileira, ainda que sem financiamento e inventando respostas para as necessidades mais básicas do financiamento de filmes. Traz em seu título “a experiência da escassez” como marca da produção na e para a periferia e, em seu texto, aponta caminhos para se produzir, mesmo no fio da navalha.

Logo em seguida, Melissa de Oliveira faz uma abordagem dos cruzamentos entre as desigualdades de gênero, classe e raça, através das cenas midiáticas do caso do menino Miguel, filho de uma empregada doméstica que trabalhava em um prédio de luxo no centro de Recife. O menino caiu do nono andar, enquanto estava sob os cuidados da patroa de sua mãe. Essa situação é ponto de partida para trazer dados e questionamentos sobre a condição da mulher brasileira durante a pandemia.

Buscamos também debater o racismo estrutural num artigo que dialoga com os movimentos Black Lives Matter, que eclodiram mundialmente durante a pandemia, inclusive no Brasil. Jarret Martin Drake é arquivista norte-americano e debate um caso paradigmático: uma pesquisadora negra tenta recuperar judicialmente daguerreótipos de seus ancestrais escravizados, Renty e Delia, que se encontram nos arquivos de Harvard. São imagens captadas por um supremacista branco no século XIX, ex-professor da mesma universidade.

Indo por outros caminhos, o artigo de Rafael José é mais leve: propõe repensar nossa relação com o som, encarar com ouvidos atentos as alterações na paisagem sonora que a pandemia traz, e perceber as memórias afetivas e possibilidades presentes do formato “canção”. Começa com um relato pessoal para sugerir ressignificações de canções antigas e entendimentos de canções do tempo presente.

Monica Klemz aponta para o futuro, para a realização de um “Museu de um tempo estilhado”, projeto imersivo em andamento, que pretende colocar lado a lado realidade virtual e os sons e imagens dos desmontes de favelas na cidade do Rio de Janeiro. O foco é a remoção da comunidade Vila Autódromo, em Jacarepaguá. O artigo relata as dificuldades presentes para o andamento, em meio à pandemia, de um projeto inovador como esse.

A abordagem da Priscila Serejo, sobre o cotidiano de pesquisadores do audiovisual, traz variados exemplos de eventos do próprio Arquivo Nacional que abordam a pesquisa imagética e os seus caminhos. Versa sobre as dificuldades atuais da pandemia, que distanciam o pesquisador de seu habitat, o arquivo, e sobre como driblar essas dificuldades.

Já os dois últimos artigos têm um caráter mais institucional: Beatriz Kushnir nos entrega um relato sobre o projeto “Testemunhos do isolamento”, instituído pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) a partir do dia 16 de março de 2020. Debate a formação dessa coleção de relatos sobre as vivências da pandemia. São relatos em texto, mas também em som, fotografias e vídeos, recolhidos do site da instituição.

Ester Eiko, em seu artigo, descreve como as imagens do acervo audiovisual da TV Globo chegam até nós: quais os caminhos da descrição, catalogação, preservação e acesso. Aborda, ainda, as mudanças no formato de jornalismo da TV Globo durante a crise sanitária: o aumento do tempo dos telejornais ao vivo, as reprises de material arquivístico, a inserção de imagens de acervo na programação e a implementação do *home office*. São questões que percebemos através das TVs e celulares, e recebem, nesse artigo, uma sistematização bem ampla e interessante.

O Arquivo em Cartaz – Festival Internacional de Cinema de Arquivo finca mais uma vez raízes sólidas entre os festivais de cinema brasileiros, destacando-se não apenas pela exibição de filmes com imagens de arquivo, mas também como espaço de formação, reflexão e difusão dos acervos audiovisuais e da memória do cinema nacional. Agora explora pela primeira vez, pela imposição da realidade, territórios virtuais. Que nossos esforços sirvam para a reflexão e para arquivos cada vez mais integrados com as demandas profundas de nossa sociedade. Boa leitura!



De relatos a coleção: testemunhos do isolamento

Beatriz Kushnir

Doutora em História pela Unicamp. Diretora do
Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Toda certeza alcançada depois do “pecado original” de dismantelar o mundo cotidiano cheio de rotina e vazio de reflexão terá que ser uma certeza manufaturada, uma certeza escancarada e desavergonhadamente “fabricada”, sobrecarregada com toda a vulnerabilidade inata das decisões tomadas por humanos.¹

I

Escrito na “prorrogação” do *breve século XX*, para utilizar um termo do historiador inglês Eric Hobsbawm,² as ponderações de Zygmunt Bauman que emprego como epígrafe a essa digressão dão a cor e o tom do momento vivido: o pandêmico. Não que esse sentimento seja estranho à humanidade. Ou que de nós esteja tão longe no tempo, já que algumas análises a partir de meados da década de 1980 no Brasil se debruçaram sobre a temática das doenças, em aspecto coletivo e mundial, ocorridas naquele século.

Bauman nos apresenta a questão e o conceito de *modernidade líquida* no contexto das desintegrações do tecido social que as crises de todos os âmbitos escancaram. A *modernidade líquida* se plasma a um momento em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os fluidos. Desintegráveis!

É neste contexto pandêmico da doença global para além da Covid-19 e, portanto, do estilhaçar do pacto social e da apresentação nua e crua das contradições sistêmicas, que esta reflexão se insere. O intuito é apresentar e esboçar as primeiras análises do projeto Testemunhos do Isolamento, instituído pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) no pós-decretação do estado pandêmico e no estabelecimento do *home office* pela Prefeitura do Rio, em 16 de março de 2020. A intenção é pensar a trajetória da iniciativa, suas etapas e os perfis que os depoimentos vêm apontando, assim como, igualmente, a formação de uma *coleção*.

1 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 29.

2 HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. Nesse ensaio histórico, Hobsbawm desenvolve a tese de que o século XX teve início com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e terminou com a derrocada da União Soviética, em 1991.

Para tanto, é oportuno delimitar o que se compreende como *coleção*. Ou seja, um “conjunto de *documentos* com características comuns, reunidos intencionalmente”, diferenciando-se dos *fundos*, nos quais o conjunto de documentos tem “uma mesma *proveniência*. Termo equivalente a *arquivo*”.³ Isto posto, é cabível iniciar circunscrevendo a intenção de formar essa coleção ao momento vivenciado. Ao longo dos últimos meses foi possível perceber que a pandemia mundial da Covid-19 trouxe alguns desafios inéditos para nossa sociedade. Cada indivíduo viu suas atividades serem transformadas ao longo do período de isolamento social/quarentena e, aos poucos, uma nova rotina foi criada e vem, constantemente, sendo recriada. As contradições existentes nunca estiveram mais à mostra e demonstram as possibilidades de cumprir ou não as regras estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

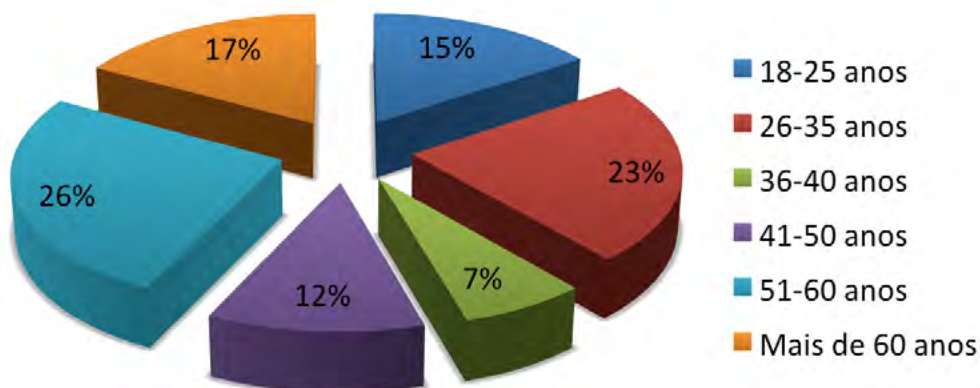
Diante da exposição escancarada das desigualdades e dessas rupturas na forma de se viver, fomos inspirados, primeiramente, pelas iniciativas internacionais, como as da Associação Pública dos Historiadores de Nova York e do Arquivo Municipal de Barcelona. Assim, o AGCRJ se propôs a coletar essas narrativas e, em maio de 2020, iniciamos a captação dos depoimentos por meio do preenchimento do formulário do Testemunhos do Isolamento, no qual é possível também a inclusão de imagens, vídeos e voz.⁴

Após esses primeiros quatro meses de coleta dos depoimentos, pode-se vislumbrar no quesito etário a configuração a seguir, em que os extremos mais novos e mais velhos são os maiores colaboradores, porém com certa homogeneidade de participações.

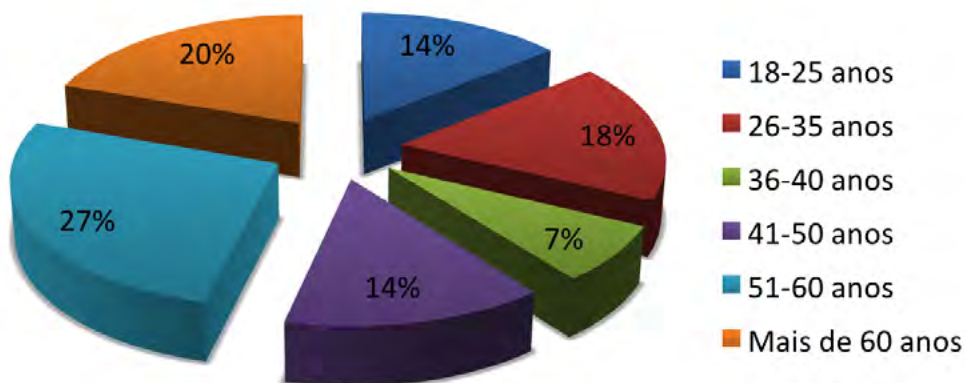
3 ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

4 O formulário encontra-se disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/testemunhos-do-isolamento>. Acesso em: 8 set. 2020.

Faixa etária em 12/6/2020 com 165 formulários recebidos



Faixa etária em 3/9/2020 com 218 formulários recebidos



Quanto à faixa etária, com 165 formulários recebidos até 12 de junho de 2020, temos 15% dos participantes de 18 a 25 anos, 23% de 26 a 35, 7% de 36 a 40, 12% de 41 a 50, 26% de 51 a 60 e, finalmente, 17% maiores de 60 anos. Em relação aos 218 formulários que nos foram enviados até 3 de setembro de 2020, temos 14% com 18 a 25 anos, 18% de 26 a 35, 7% de 36 a 40, 14% de 41 a 50, 27% de 51 a 60 e 20% maiores de 60 anos.

II

A experiência do isolamento social/quarentena, ainda que coletiva, afeta de forma singular cada um de nós. O projeto Testemunhos do Isolamento tem como objetivo, em um primeiro momento, recolher informações sobre este período histórico a partir da ótica dos indivíduos e seu cotidiano. O passar do tempo e a alteração das narrati-

vas depositadas em nossa plataforma demonstram os diversos períodos incluídos neste “momento pandêmico”. Com esses relatos pessoais, acreditamos contribuir para uma leitura mais abrangente desse cataclismo. A coleção permitirá, posteriormente, ser cotejada ao conjunto constituído pelos documentos do Executivo municipal, que, por lei, só serão recolhidos como documentação permanente em vinte anos.

A proposta é salvaguardar esses depoimentos e garantir acesso a essa documentação para pesquisadores que se interessem por estudar este período, permitindo, assim, uma outra voz. Além disso, o que já não é pouco, pretende-se demonstrar ao cidadão que sua narrativa compõe as memórias de um tempo e que incluí-la em uma instituição de guarda permite um exercício de cidadania.

Esse material será custodiado no AGCRJ para, posteriormente, ser acessado para consultas e pesquisas, respeitando sempre a vontade do depoente pelo seu anonimato ou sua não autorização para revelação do material.

O acolhimento de acervos sobre a temática saúde não é inédito para o AGCRJ. Uma gama de reflexões sobre os efeitos da varíola, sífilis, gripe espanhola e HIV/ Aids poderia aclarar a presente pontuação e, inclusive, ser pesquisada no acervo.

SEBASTIÃO SÉRIE EPIDEMIAS



EPIDEMIAS NO RIO DE JANEIRO: A FEBRE AMARELA



A cidade do Rio de Janeiro tem sua história marcada por uma relação constante entre saneamento e doenças. Desde os primeiros séculos, as condições precárias de higiene, a falta de saneamento básico e a proximidade com as florestas tropicais e a circulação de animais silvestres são elementos de uma área propícia ao surgimento de epidemias. A Febre Amarela...



EPIDEMIAS NO RIO DE JANEIRO: VARÍOLA



O mundo populoso do Rio de Janeiro possui uma história marcada por epidemias de varíola. Desde o século XVIII, a doença se espalhou rapidamente, causando milhares de mortes. A falta de conhecimento sobre a transmissão e a ausência de medidas preventivas agravaram a situação. A epidemia de 1789 foi particularmente devastadora...



EPIDEMIAS NO RIO DE JANEIRO: A GRIPE ESPANHOLA



A epidemia de gripe espanhola de 1918-1919 foi uma das mais mortíferas da história da humanidade. No Rio de Janeiro, a doença se espalhou rapidamente, afetando pessoas de todas as idades. A falta de conhecimento sobre a doença e a ausência de medidas preventivas agravaram a situação. A epidemia de 1918-1919 foi particularmente devastadora...



EPIDEMIAS NO RIO DE JANEIRO: A PESTE



A peste bubônica de 1929 foi uma das epidemias mais recentes do Rio de Janeiro. A doença se espalhou rapidamente, causando milhares de mortes. A falta de conhecimento sobre a transmissão e a ausência de medidas preventivas agravaram a situação. A epidemia de 1929 foi particularmente devastadora...

Optei, contudo, sem excluir todo esse conteúdo, por agregar igualmente as ponderações de Boaventura de Sousa Santos,⁵ a partir da resenha de Teófanos de Assis Santos e Hélio Souza de Cristo.⁶ Para Santos e Cristo, e muitos outros, a pandemia esgarçou todas as contradições vividas, expondo de maneira bárbara as desigualdades sociais. Segundo os autores, a obra de Boaventura de Sousa Santos permite captar o caos vivido e vislumbrado durante a pandemia, ao apreender que

o ordenamento neoliberal e o modelo capitalista têm orientado o mundo a recrudescer políticas públicas de investimento em áreas como saúde, educação e previdência social, deixando o mundo em constante estado de crise, o que se acentua com a pandemia do novo coronavírus.

Assim, para Sousa Santos, é importante também se descolar da pandemia, da doença em si, e compreender o controle sobre a vida e a morte que esta instaura. Refletir sobre como processaremos, enquanto sociedade, os milhares de mortos e a ausência dos ritos de sepultamento. Os traumas daí instaurados talvez só às guerras se assemelhem. Nesse sentido, como sublinham Santos e Cristo, para Boaventura,

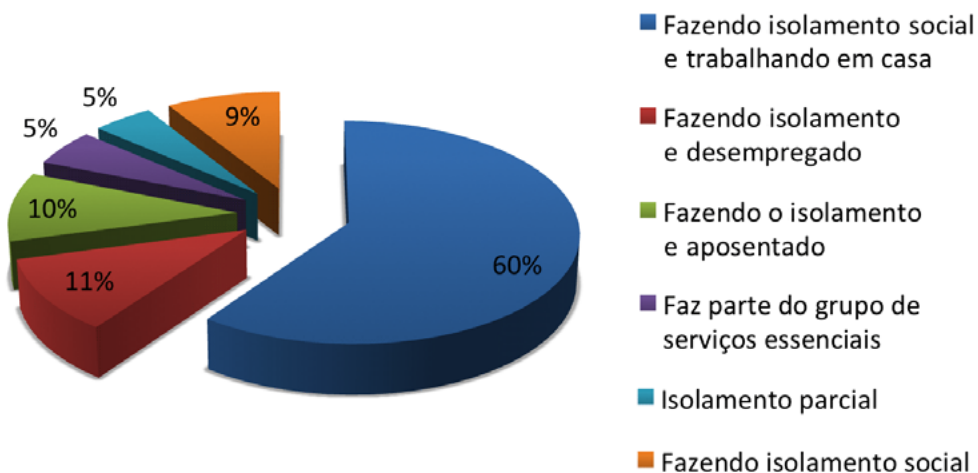
a pandemia não é cega e possui “*alvos privilegiados*”, o que induz à busca de soluções diferentes entre aqueles que possuem capitais sociais distintos. No entanto, apesar dos diferentes recursos sociais que as populações possuam, a receita do momento é genérica: manutenção do isolamento social, que implica redução de atividades econômicas e, conseqüentemente, menor carga de destruição da natureza.

Tendo estas questões em mente, pode-se compreender a experiência do projeto Testemunhos do Isolamento, quando planejado, como a exposição das diferenças. Aqueles que nos escrevem vivenciaram diferentes formas do isolamento social, o que igualmente aponta para os silêncios e a fragilidade de quem, ao não responder, exponha que suas condições sejam outras. Então, os números a seguir devem ser lidos não pelo item “fazendo isolamento social e trabalhando em casa”, mas pelo apontado nas demais manifestações. Foram estas pessoas que vivenciaram e vivem o “fora da curva” desejada, curva esta que, como tendência indicada, nunca se instalou plenamente e que narra o que vem acontecendo. Esta visibilidade do que não fazer está tão palpável ao caminhar pelas ruas e ao tentar entender os números de mortos que cresce.

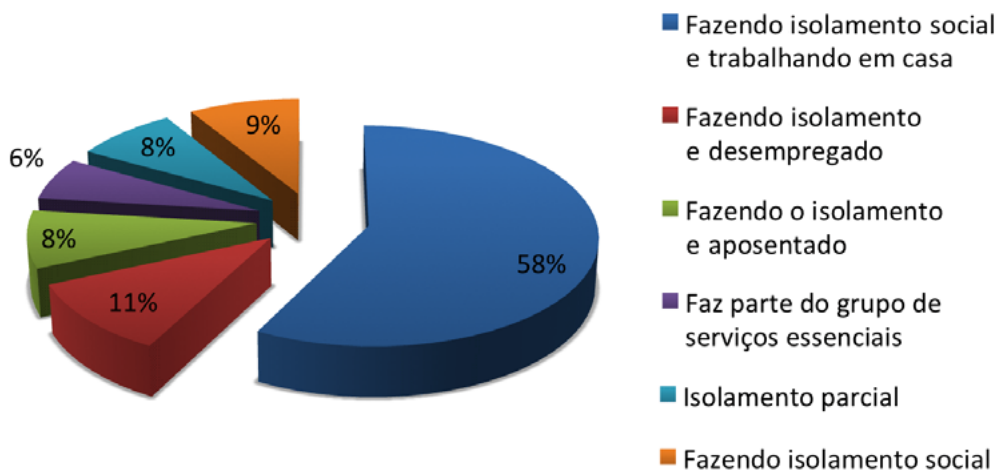
5 SANTOS, Boaventura Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

6 SANTOS, Teófanos de Assis; CRISTO, Hélio Souza de. Reflexões contemporâneas à luz da pandemia do novo coronavírus. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 6, 2020.

Vivência do isolamento social em 12/6/2020 com 165 formulários recebidos



Vivência do isolamento social em 3/9/2020 com 218 formulários recebidos



No item “Vivência do isolamento social”, com 165 formulários recebidos em 12 de junho de 2020, 60% estavam em isolamento social e trabalhando em casa; 11% em isolamento e desempregados; 10% em isolamento e aposentados; 5% faziam parte do grupo de serviços essenciais; 5% em isolamento parcial e 9% em isolamento social. Já nos 218 formulários recebidos em 3 de setembro de 2020, temos 58% em isolamento social e trabalhando em casa; 11% em isolamento e desempregados; 8% em isolamento e aposentados; 6% fazem parte do grupo de serviços essenciais; 8% em isolamento parcial e 9% em isolamento social.

No início desse processo pandêmico, uma médica, cujo testemunho foi recebido em 10 de junho de 2020, nos narrou que

Todos da minha família estão se adaptando ao trabalho em casa, assim como é necessário adaptar a convivência com todos em casa. Rotina de casa para o trabalho, trabalho para casa. A sensação é de que não há nenhum lugar onde se possa espairecer e respirar. É uma situação inédita. O mundo não tem mais divisões, é uma grande bolha de isolamento.

Mas nem todos tinham a mesma impressão, como este professor, que forneceu seu testemunho em 2 de julho:

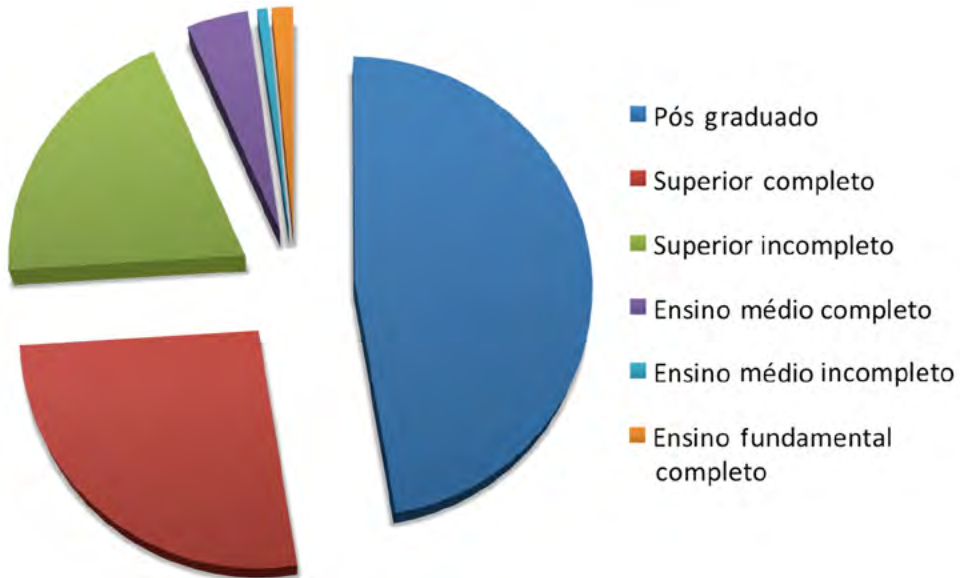
Há muita instabilidade nesse período. Poderia dizer que vivo uma flutuação entre os bons e os maus momentos. Estou vivenciando dias e semanas muito produtivas e mentalmente equilibradas que se alternam com curtos períodos de angústia e tristeza profunda.

A quebra de uma rotina e a dificuldade de se recriar outra é/era visível para muitos, como este servidor público federal, cujo testemunho recebemos em 19 de maio: “Oscila muito. Cansaço físico e mental. Abatimento. Às vezes momentos de euforia, quando percebo que o tempo “livre” poderia ser usado para realizar coisas que adiava. Ao não conseguir fazer, o abatimento se aprofunda.”

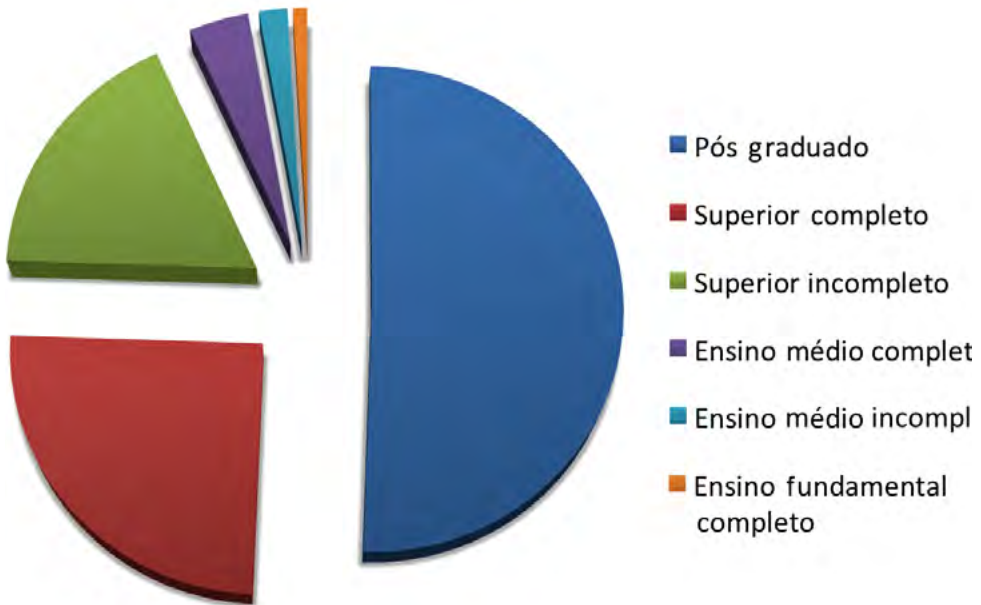
III

Na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos, ao ponderar no segundo capítulo (“A trágica transparência do vírus”) de sua obra *A cruel pedagogia do vírus* a preocupação com a pandemia, escancara-se que em sociedades capitalistas o ponto de vista econômico norteia as relações sociais e políticas. O autor demonstra as tentativas de desqualificar o discurso científico frente às necessidades (não garantidas) dos cidadãos em suas vidas cotidianas. Ou seja, a ausência de políticas públicas assistenciais. Para Boaventura, a quarentena expôs abertamente a discriminação latente de cumpri-las. Nesse sentido, os que preencheram o formulário dessa pesquisa expressam uma dada categoria de acesso aos bens e serviços.

Escolaridade em 12/6/2020 com 165 formulários recebidos



Escolaridade em 3/9/2020 com 218 formulários recebidos



Então, como as ponderações de Boaventura apontam, para a classe média as vivências do momento, em termos gerais, são díspares por não contemplarem

os cidadãos submetidos a condições de discriminação, injustiça social e sofrimento, de modo que as ausências de suas liberdades individuais, de direito à cidadania, ao cuidado de si, à cidade e ao trabalho formal que lhes garantam renda para a manutenção das mínimas condições de higiene e alimentação lhes expõem diariamente ao maior risco de contaminação pelo vírus.⁷

As políticas públicas de cunho assistencial foram inócuas e não alcançaram realmente a grande massa de necessitados, obrigando-os a quebrar as recomendações da OMS. O perfil dos relatos recebidos não espelha este grupo ainda, infelizmente. São comuns as seguintes narrativas:

O período tem sido muito difícil, devido [a] não ter nada que se compare a esta pandemia. Inicialmente achei que seria algo passageiro e devido a várias informações desencontrada[s], fiquei confuso. Como exemplo, cito o uso das máscara[s] que inicialmente falava-se que não tinha nenhum efeito, diante disto, ainda em março, ou seja, no início dos casos do Covid[-19], eu não usei máscara, porém com o passar do tempo o noticiário mudou. A própria imprensa, escrita, televisiva e radiofônica se mostrou confusa em seus noticiários, o que levou a maioria de nós [a ficar] sem saber o que fazer. (professor aposentado, testemunho recebido em 15 de julho de 2020)

Cansada, preocupada, triste pelo número de mortos no país e impactada por estar vivendo uma situação que nunca imaginei. (pesquisadora, testemunho recebido em 14 de julho de 2020)

Pretendemos continuar recolhendo depoimentos até março de 2021 e agregar a eles rodas de conversas temáticas com categorias profissionais para ampliar os aspectos das imagens que essa coleção poderá produzir. Assim, ensejamos que este “ano-hiato” seja incorporado às narrativas não como uma exceção, mas como a expressão de uma vivência planetária que pede socorro.

7 SANTOS, Teófanos de Assis; CRISTO, Hélio Souza de, op. cit.

